

EMPREGOS IBÉRICOS DA PREPOSIÇÃO DE

I — **Introdução** — É fato conhecido que a linguagem é responsável, em grande parte, pela tradução dos traços culturais de uma dada civilização. Sendo assim, os elementos lingüísticos que traduzem uma cultura não são obra do acaso nem são heterogêneos. Todo grupo social desenvolve uma maneira peculiar de compreender o mundo dos objetos. Há uma como “psicologia coletiva” que estabelece certa unidade de pensamento, de sentimentos e de volições dentro do grupo. Esta coincidência de idéias se traduz lingüísticamente pela unidade de elementos postos pela língua à disposição dos falantes de uma determinada comunidade. Nem tem outra razão de ser a deriva 1 de cada língua, quando, por êste têrmo, compreendemos aquêle conjunto de fatôres que norteiam as incessantes transformações lingüísticas. Ora, esta linha de orientação repousa no recorte peculiar que cada grupo faz ao encarar o cosmo.

O que acima ficou dito se patenteia nas classificações lingüísticas, como por exemplo, distinção entre nome e verbo, distribuição de palavras em classes, sentimento das categorias como gênero, número, aspecto etc. A não coincidência “lógica” das classificações ou a maneira “diferente” de encarar as categorias se deve à “mentalidade coletiva” 2 acima aludida..

Por outro lado, tem-se notado que as inovações lingüísticas não são tão regulares nem se estendem por todo o território de uma mesma civilização. Ex.: O complemento de destinação tornou-se, em português, introduzido pela preposição de (xícara de chá = para chá). O mesmo acontece em espanhol

(1) — *Deriva* (esp. “corriente de transformación”). Cf. E. Sapir — *El Lenguaje*. México, Fondo de Cultura Económica, 1962, p. 170 (Breviario n.º 96)

(2) — Têrmo criado pela sociología francesa.

e catalão, mas não em francês (que usa **a**) ou em italiano (que usa **da**). Tôdas estas, porém, são línguas românicas.

Tal se explica pelo fato de que o sentimento de unidade e coesão é tanto maior quanto menor fôr a extensão territorial do grupo. Uma civilização pode ser tomada como um todo quando êste todo se opõe a outro, mas comporta ela divisões e subdivisões específicas motivadas por fatôres históricos que não se podem desprezar. Assim há um grupo românico, que se serve das línguas românicas, em oposição ao grupo germânico ou eslavo, por exemplo. Mas a România tôda apresenta uma oposição importante — oriente e ocidente. Dentro da própria unidade geral do ocidente, encontramos subgrupos nítidos — a Gália, a Ibéria. Esta última, por sua vez, não apresenta uma só língua mas três — português, espanhol e catalão. Exemplo: — tôdas as línguas românicas conhecem e empregam a preposição **de** que, muito freqüente, sofreu inovações particulares na România Ocidental, na Gália, na Ibéria, etc.

Segundo esta linha de orientação, procuraremos mostrar que a dita preposição aparece, com raríssimas falhas, nas três línguas da Ibéria — português, espanhol e catalão — o que prova que a península forma um bloco unitário quanto aos variados emprêgos desta partícula.

2. Convém ainda notar que as preposições, como as conjunções, pertencem à classe das palavras de relação, isto é, daqueles elementos lingüísticos sem conteúdo nocional próprio e que só se realizam, do ponto de vista da comunicação, nos syntagmas. São verdadeiros instrumentos gramaticais, pois apenas “ajudam” a exteriorização de idéias em determinados conjuntos significativos. Dêste modo, a preposição **de** será estudada aqui do ponto de vista das noções que ajuda a traduzir em determinados conjuntos de comunicação expressos pelas línguas ibéricas.

II — As preposições latinas — A maioria das preposições surgiu de advérbios pela diminuição progressiva do conteúdo nocional dêles e conseqüente aparecimento de um conceito de

relação. Em latim, esta natureza adverbial se nota em locuções cristalizadas onde a preposição conserva o sentido primitivo — **susque deque** (de baixo para o alto com do alto para baixo) e usadas como preverbos, atribuem uma circunstância à raiz verbal — **deferre** (levar do alto, deitar abaixo).

Muitas preposições latinas já vieram do indo-europeu: **ab, ante, de, ex, in, per** etc. Primitivamente eram empregadas em expressões de sentido concreto (relações de lugar — separação ou movimento no espaço). Progressivamente passaram a traduzir relações temporais e, por efeito da linguagem afetiva, passaram às relações mais abstratas — causa, modo, fim — auxiliares da clareza da comunicação ou expressão lingüística.

Por êste motivo é fácil compreender a presença das preposições no latim, onde as principais relações eram expressas pelos casos. Eram elas, pois, partículas enfáticas destinadas à maior elegância e clareza da frase. Foram se tornando cada vez mais necessárias à medida que os casos foram perdendo sua função específica e gradualmente desapareceram. Isto explica também a abundância de preposições no latim vulgar.

III — A preposição de —

1. — **Origem e natureza** — Vem do latim **de**, quer por sua vez a herdou do indo-europeu. Em latim regia ablativo, caso que marca principlamente o ponto de partida, o afastamento, a separção. Por isso, originariamente expressa a idéia de afastamento ou separação — **de foro abire** (sair do foro). Dêste sentido, logo passou para a expressão de um movimento vertical (de cima para baixo) **de caelo, de arbore cadere, decido de lecto** (caio do leito). Porque a idéia de separação é afim da idéia partitiva (o todo que se separa das partes), passou a ser usada em concorrência com o genitivo partitivo dependendo de nomes e, na fala colloquial, de verbos — **furare de ligno**.

Dêstes empregos surgem os outros.

2. — **Empregos que continuam o latim clássico** — A preposição **de** é muito vivaz. Quase todos os seus empregos na lín-

gua literária passaram para o latim vulgar e, dêste, par as línguas românicas. Nas línguas da Ibéria podemos considerar os seguintes como continuação dos antigos empregos desta preposição:

a) — **O ponto de partida** — introduz o complemento que indica o lugar onde nasce um movimento. **Ex.:**

Português: **Veio de Londres.**

Espanhol: **Vengo de Barcelona.**

Catalão: **Vinc de Vallvidrera** (Venho de Vallvidrera).

Neste caso ainda se incluem, com algumas nuanças significativas, a origem, o afastamento ou separação, o movimento de cima para baixo. **Ex.:**

Port.: **Nascido de pais humildes. Sair de casa. Caiu do muro.**

Esp.: **Nascido de padres humildes. Salir de casa. Cayó del muro.**

Cat.: **Nat de pares humils. Sortir de casa. Caure del balcó** (cair do balcão).

b) — **Idéia partitiva** — Em latim, a idéia partitiva requeria genitivo (genitivo partitivo) ou ablativo com **ex** ou **de**. Êste último caso se encontra especialmente “com os numerais, com os pronomes e adjetivos de quantidade e com os superlativos. **Ex. Fidelissimus de servis** (o mais fiel dos servos). **unus de meis amicis** (um dos meus amigos). **Aliquis de nostris hominibus** (alguns dos nossos homens)” 3. Êste partitivo se expressa normalmente pela preposição **de** nas línguas da Ibéria. **Ex.**

Port.: **um dos meus amigos**

Espanhol: **un de mis amigos**

catalão: **un dels seus amics** (um de seus amigos)

c) — **Idéia de extração:** em expressões do tipo:

Port.: **ossos de meus ossos, carne de minha carne.**

Esp.: **huesos de mis huesos. Carne de mi carne.**

Cat.: **carn de la seva carn.**

(3) J. Ravizza — *Gramática Latina*, 12ª ed. Niterói, p. 227.

d) — **Idéia causal** — Tipo latim clássico: **de via fessus** (cansado do caminho).

Port.: **Caiu de cansado.**

Esp.: **Murió de tanto beber.**

Cat. — **Morir de set. Tremolar de por** (tremar de pavor).

É raro mas aparece no latim medieval — “**ego moriebar de famen**” 4.

e) — **Idéia de “feito de”** — Encontrável em latim mas não clássico. — **templum de marmore.**

Port.: **Anel de ouro. Banco de madeira. Cêsto de vime.**

Esp.: **Casa de piedra. Reloj de oro.**

Cat. — **Estàtua de bronze. Taula de marbre** (mesa de mármore)

f) — **Idéia de “a respeito de”** — Tipo latim clássico — **De Bello Gallico.**

Port.: **Falar da guerra. Da importância de ser honesto.**

Esp.: **De la amistad.**

Cat.: **De l'amistat.**

3. — Inovações

A preposição **de** apresenta, na România, uma variedade tão grande de empregos que seria impossível enfeixá-los nos herdados do latim. São muitas as inovações, algumas delas desenvolvendo nuanças já existentes na língua de origem. No que concerne à Ibéria, notaremos:

a) — **Substitui o genitivo** — Suplantou o uso de **ex** na língua vulgar a construção **de** mais ablativo, acabando por vencer o genitivo que, por sua vez, sofria a concorrência do dativo. O **de** ocorre em latim com adjetivos, verbos e nomes com valor partitivo, de complemento de gênero, de complemento objetivo

(4) J. Bastardas Parera — *Particularidades Sintácticas del Latín Medieval*.
Barcelona, 1953, p. 90.

etc. Pertence a época mais recente (nos tempos de Plauto mais ou menos) o aparecimento desta preposição com valor de adjunto adnominal restritivo, comum, mesmo de posse (cf. **hostia de basilica**).

Por que se deu a substituição? Por duas razões principais, cremos. A primeira delas, lógica, está na própria essência significativa da dita preposição que, segundo opiniões abalizadas “expressa principalmente o ponto donde se considera algo, o objeto com respeito ao qual se pensa, se diz ou se faz algo. Neste último sentido servia para designar uma relação entre os substantivos sem mais determinação: **Filia de rege** é primordialmente uma filha com relação a um rei; em **donum de patre**, o pai é a pessoa a partir da qual nos chega o dom” 5. A outra razão formal, está no fato de que a perífrase com preposição traduz melhor a idéia, com mais clareza e precisão do que o caso.

Na língua vulgar deu-se, assim, a substituição dos casos pelas preposições e, então, foi que a preposição **de** passou largamente a designar posse ou dependência. (cf. inscrições como **curator de sacra via, oppida de Samnitibus**).

Na realidade, como se vê pelos exemplos já citados, não houve substituição da desinência casual pela preposição mas substituição de um caso por outro, ou melhor, do genitivo pelo ablativo (exigido pelo **de**).

O apagamento da desinência casual foi progressivo (por confusão de desinências) e a relação passou a ser designada pela expressão tôda, como se vê modernamente:

Port.: **A porta da casa. As ruas da cidade.**

Esp.: **La casa del padre. La torre de marfil.**

Cat.: **El cau del conill** (a toca do coelho). **Els dits de la mà.** (Os dedos da mão).

(5) Emilio M. Amador — *Diccionario Gramatical*. Barcelona, 1954, p. 440

É bom observar que, para efeito de diferenciação, o adjunto adnominal restritivo introduzido pela preposição, valendo por um adjetivo, pode ser substituído pelo adjetivo correspondente ao substantivo ou por sinônimo.

Assim, temos:

Port.: **de ouro, da casa - áureo, doméstico**

Esp.: **de oro, de casa - aureo, doméstico.**

Cat.: **atac de reuma - reumàtic.**

b) — **Elemento de ligação entre um substantivo e um adjetivo atributivo** — (com o adjetivo anteposto) — Este tipo surgiu no latim vulgar para traduzir certa nuance emotiva. Parece denotar que há maior interesse do falante na qualidade atribuída ao substantivo. É comum em tôdas as línguas românicas. Ex.:

Port.: **Coitado do rapaz! pobre do menino!**

Esp.: — **Pobre de mí! El canalla de Fulano.**

Cat. — **La pobreta de la Maria! Diable d'home! "Lo meu mesquín de cor"** — Lluïl.

Percebe-se facilmente o caráter expressivo dêste emprêgo, além de que ocorre sempre com adjetivos que significam apreciação (compaixão, desprezo, vitupério), nas exclamações e nos vocativos.

No espanhol clássico, em vez de adjetivo mais **de** mais pronome oblíquo, também se encontrava adjetivo mais pronome reto — **"a tenerla yo aquí, desgraciado yo que nos faltaba?"** — Quixote, I, 15. — **"Como tengo de caminar, desventurado yo?"** — Idem, II, 53 6.

A origem desta construção repousa no emprêgo frequente do genitivo latino com substantivos com o mesmo valor expressivo do tipo romântico, encontrado particularmente em Plauto, o que demonstra seu cunho popular. No latim vulgar

(6) Idem — *ibidem*, p. 448.

foi-se paulatinamente usando a preposição **de** em lugar do genitivo e estendendo-se para os adjetivos 7.

c) — **Aposição** — Na língua clássica, o atributo de um nome era construído, entre outras maneiras, por justaposição assindética a este nome (substantivo apôsto): **Urbs Roma, Asia Provincia, nomen Petrus**. Já no latim há exemplos do chamado genitivo de aposição: **Urbs Romae**. A língua vulgar usou o genitivo ou, mais tardiamente, **de** mais ablativo. Esta última construção foi a que vingou nas línguas românicas.

Na Ibéria, levaremos em conta, o seguinte:

O português usa ora a expressão apositiva ora a preposição **de** desde a língua arcaica e clássica até os tempos modernos, fato que tem causado discussão entre os disciplinadores do idioma. Assim, do período arcaico e clássico, temos — **rio de Tejo, rio de Nilo** etc. ao lado de “**reino Melinde**” — Cam., Lus., II, 73; **cidade Beja**” — idem, III, 64 — “**pela cidade Roma**” — Filinto Elísio; “**os moradores do lugar Ruivães**” — Sousa, Vida do Arcebispo.

Modernamente, vêem-se — **rua da Consolação, rua do Comércio, Avenida da Saudade, largo de Pinheiros; rua São Luís, praça Osvaldo Cruz, largo Santa Cecília**.

A ausência quase total da preposição no português clássico se deve à imitação latina, comum na época. Na primeira série de exemplos modernos a presença da preposição se explica por serem os nomes próprios originários de nomes comuns, onde se sentia o segundo substantivo como simples restritivo do primeiro, equivalente a adjetivo e onde a relação de posse era evidente. — **rua do Comércio** = rua comercial, **rua das Palmeiras** = rua que tem palmeiras, etc. Quando o nome da rua, avenida ou praça, já é um nome próprio passa a prescindir da preposição, pois a relação de posse se oblitera. No uso atual da língua os

(7) T. Henrique Maurer Jr. — *Gramática do Latim Vulgar*. Rio de Janeiro, 1959, p. 202.

dois casos se confundem — rua **Consolação**, rua de **São Luís** e assim por diante.

Entre os que discutem o assunto, achamos interessante a opinião de Mário Barreto, pois êle procura mostrar a diferença significativa entre os dois tipos de construção. Para êle o correto é **Teatro de São Pedro**, pois para poder dizer-se **Teatro São Pedro** seria necessário que o segundo nome fôsse por si só, o nome da coisa ou da pessoa como em **amigo Carlos**, **monte Cáucaso**, **rio Tejo**. Mesmo assim, isto é, quando o segundo substantivo singulariza o primeiro, o uso igualou os dois casos e temos a **cidade de Roma**, **o reino de Portugal**. **Praça Camões** não é o mesmo que **cidade Évora** porque Camões não é o nome especial e único da coisa (se a cidade não é Sevilha mas ela mesma é Sevilha). Assim, Camões não é a praça nem a praça é Camões. 8.

No espanhol a situação é análoga à do português, ora com ora sem preposição — **la ciudad de Roma**, **la villa de Madrid**, **Paseo Colón**, **calle de Cervantes**. Na linguagem popular, **calle Toledo**, **calle Carretas**, **Paseo Colón**.

No catalão, pelo que pudemos observar, é normal o uso da preposição — “**en la ciutat de Jerusalem**” — **Homilies**; **el mes de maig**; **la vila de Calella**; **el regne d'Italia**, **l'illa de Mallorca**, **el desert de Sahara**, **el nom de Joan**.

d) — **Complemento partitivo** — Neste sentido já aparece no latim da decadência e no vulgar (cf. **date nobis de oleo vestro** — Vulgata, S. Mat. 25; **ampullam, in qua de oleo beati Martini continebatur** — *Vita Aridii*.) 9. É geral na România mas numas línguas ainda vive, noutras arcaizou-se, deixando apenas vestígios. No português, espanhol e catalão tem hoje emprêgo limitado. No português antigo são freqüentes exemplos como os que se seguem — “**Alcido, tens ovelhas e tens cabras, /de que**

(8) Mário Barreto — *De Gramática e de Linguagem*, Rio de Janeiro, 1922. vol. II, p. 22.

(9) Epifânio da Silva Dias — *Sintaxe Histórica Portuguesa*, 3ª ed. Lisboa, 1954, p. 136.

tiras da lã, tiras do leite.” — Bernardim Ribeiro, écloga 3; “E arrumar a caravela/e deitar do junco nela” — Gil Vicente, Barca do Inferno; “Comerás do leite, ouvirás dos contos, e partirás quando quiseres” — F. R. Lôbo, P. Peregrino.; “Achando as virgens néscias que se lhe apagavam as lâmpadas, chegavam-se às prudentes a pedir que lhe quisessem dar do óleo que traziam prevenido” — Vieira Serm; “Foi-se fechar no mar alto/ Da torre de Valderey: /Não quero comer do pão/ Nem do vinho beberei” — Garret, Romanceiro.

No português moderno, o partitivo perdeu terreno sendo que aparece:

— Em provérbios porque êstes são formas estereotipadas muito antigas, já cristalizadas — **Nunca digas: desta água não beberei, dêste pão não comerei.**

— Com certos verbos que significam dar, repartir do que é seu, cortar, participar — **“Quem aconselha participa do ato praticado”** (R. da Silva: Moc.,) **Dê-me três quilos dêste arroz. Corte-me desta fazenda. “Aporfiados em repartir do pão da alma com os desvalidos”** — Camilo.

— depois de alguns pronomes e advérbios empregados substantivamente, em expressões do tipo **nada de nôvo, alguma cousa de interessante, algo de bom.** Diz-se também **um pouco de água,** arc. — **uma pouca de água** (cf. **uma pouca de neve** — Sá de Miranda; **uma pouca de fazenda** — F. M. Pinto), **um tiquinho de sal, um nada de febre, uns quantos de homens etc.**

parte — dois; na segunda, não. Em **mandou trazer do vinho que tinha na adega ou comeu do pão que comprara de manhã,** também há idéia partitiva, pois se supõe uma porção de uma **de vinho, uma dúzia de ovos, pedaço de bôlo.**

Em **dois dos seus amigos** não há a mesma significação que em **seus dois amigos.** A primeira expressão é partitiva, pois supõe a existência de mais amigos dos quais se considera uma parte — dois; na segunda, não. Em **mandou trazer do vinho que tinha na adega ou comeu do pão que comprara de manhã,** tam-

bém há idéia partitiva, pois se supõe uma porção de uma coisa determinada. Quando não há determinação, não se constrói com o de partitivo. Assim — **Fulano bebeu cerveja e Fulano bebeu da cerveja que tinha em casa.**

O espanhol segue a mesma trilha do português. Encontra-se no Cid “datnos del vino”. E hoje:

Participó de la fiesta.

Dadme tres libras de este arroz

Algún de los presentes, muchos de los presentes, “muchas de cortesias” — Quixote, II, 72, “le dijo tantas de cosas” — idem I, 32.

El jazmín es la más olorosa de la flores.

Una docena de huevos.

Dos de seus amigos.

Mandó subir del vino que tenia en la bodega.

Comió del pan que acaba de traer.

Bello¹⁰ diz que **una poca de sal, unos pocos de soldados** não são antiquados alegando que em alguns pontos da Colômbia se ouve dizer **una poca de água**. Cremos, porém, que se trata de conservação de traços arcaicos como se dá no português do Brasil.

¿ Quién de vosotros? ¿ Alguién de vosotros? Cualquiera de los hermanos.

Para o catalão, encontramos os seguintes exemplos de partitivos:

Un poch de vi (um pouco de vinho)

tres dels seus amics (três dos seus amigos)

El mes gran de tots tres (o maior dos três)

Molt d'oli (muito óleo)

(10) Bello y Cuervo — *Gramática de la Lengua Castellana*. Buenos Aires, 1952. p. 271.

No sé pas d'on ha sortit tanta de gen (Não sei de onde saiu tanta gente)

Bastant d'aigua (bantante água)

Que hi de nou? (Que há de nôvo?)

Êstes exemplos nos permitem afirmar que o catalão segue o português e o espanhol no uso do partitivo com pequenas particularidades do tipo francês.

e) — **Agente da passiva** — A substituição de **ab** por **de** como introdutor do agente da passiva já aparece no latim medieval. Em cartas do domínio castelhano e leonês já se encontram; “**sit vobis de nos concessa potestas**” — Doc. Ast. 7, 12, 861; “**precium de vos datum**” — Santo Toribio 32,13, 925;

“**testamento de me facto**” — Santilhana 13, 11, 987 11.

Nas línguas da Ibéria tornou-se normal o uso desta preposição para introduzir o agente da passiva, se bem que sofreu a concorrência de **por** principalmente. Seu uso no período arcaico e clássico é mais extenso do que no atual. Ex.:

Português — “**longos mares... nunca arados de estranho ou próprio lenho**” Cam. — Lus. V, 41; “**Só com saber que são de vós olhados**” — id. X, 148; “**foy huniversalmente amados de todos seus subditos**” — Esmeraldo p. 99.

E modernamente: “**Não se deixou levar de paixões**” — Mach. de Assis, Rel. 2.º vol. p. 260; “**O Romualdo era levado e principalmente da ambição**” id. 299; “**um rosto crestado do sol do deserto**” — G. Dias: Marabá. E em expressões correntes do tipo **amado de todos, querido dos pais, malquisto dalguém**.

Espanhol — “**fueron dél muy bien recebidos**” — Quixote II, 1. Modernamente é raro — **ese hombre es estimado de todos**. “**Su madre fué querida de tó el mundo por su buen corazón**” — López Silva: Los barrios bajos; **comido de lobos, agobiado de deudas**.

(11) J. Bastardas Parera — *op. cit.*, p. 90.

Hoje não se encontram em português exemplos de **de** na passiva formada com o pronome **se**, tipo **“o mar que só dos feios focas se navega”** — Cam. Lus. I, 52 e em espanhol é muito raro — **“un lugar que nunca de los hombres se visita”** Villaviciosa 12.

Catalão — **Estimat de tothom** (estimado de todos)
No és conegut de ningú (não é conhecido de niguém)
Oblidat de tothom (esquecido de todos)
Acompanyat del seu mestre
“Així com és usat dels reys” — Jaume I

f) — **Complemento do comparativo** — O complemento do comparativo, que no latim clássico era expresso por *quam* + nominativo ou simplesmente pelo ablativo, acabou por receber a preposição **de**, normal corespondente do antigo ablativo. Este uso já aparece em Tertuliano mas os exemplos são mais ou menos eventuais — **“plus de triginta pedes”** — Gron. 11,19; **“non habeo apud me amplius de XV aut de XX caballarius”**; **“no fuisset de maior precio de uncias Xem.** — carta do sec. XI 13.

A construção com **de** vingou também na Ibéria. Ex..

Port. arcaico — **“E sabede que non foi menor de seu padre”** — Graal

“nam há mayor gloria da que se alcança servindo a Deos” — Esp. de Casados, 32

Port. moderno: Em expressões como **maior de 21 anos** ou no comparativo precedendo o **que** — **A virtude é mais preciosa do que o ouro.**

Espanhol clássico — **“No tuvo caballero andante... escudero más hablador ni más gracioso del que yo tengo”** — Queixote II, 30; **“Cuando se dañan vienen a ser peores de todos los otros”** — Granada

(12) Emilio M. Amador, *op. cit.*, p. 444.

(13) J. Bastardas Parera — *op. cit.*, p. 90.

No espanhol moderno o **de comparativo** é usado para evitar anfibologia ou para tornar a expressão agradável aos ouvidos. Isto acontece quando o segundo termo da comparação é uma oração de pronome relativo — **es más vellaco de lo que tú te imaginas; volvió el presidente a la ciudade menos temprano de lo que se esperaba** (que lo que é muito áspero)

No catalão a partícula usual é **que** mas no antigo havia também o **de** como enlace — **“No he trobat pus fals jutge de mi”** — Llull (não encontrei juiz mais falso que eu)

g) — **Complemento de qualidade** — No latim era expresso por adjetivo + substantivo ambos em genitivo ou ablativo — **vir magnae sapientiae, homo magna statutra**. O vulgar usou **de** que passou para as línguas românicas.

Port. — **Homem de grande sabedoria. Pessoa de grande estatura**

Esp. — **Humbre de nucho talento. Ojos de linxe.**

Cat. **És una noi de talent** (é uma garôta de talento). **Una nau de mil tones** (um navio de mil toneladas)

h) — **Complemento de destinação** (de=para)

Port. — **xícara de chá, cão de caça, pena de escrever.**

Esp. — **perro de caza, máquina de escribir.**

Cat. — **una tassa de te, casa de joc, cadires de repòs** (cadeiras de repouso)

i) — **Complemento de matéria** — No latim clássico era expresso por um adjetivo — **aureus, argenteus** — ou pela preposição **ex**. Mas a preposição **de** também é encontrável.

Port. — **anel de ouro, colher de prata, pente de osso.**

Esp. — **el vaso de plata, un vestido de seda.**

Cat. — **una cadira de boga** (uma cadeira de palhinha)

j) — **Complemento de tempo** — É bastante antigo, já aparece em Plauto. Expressões como **de nocte venire, de die, multa de nocte profectum esse** são freqüentes. É emprêgo geral. Na Ibéria, aparece em grande número de locuções adverbiais de tempo, mormente na língua popular. Ex.

Port. — **de noite, de dia, de manhã, de tarde.**

Esp. — **de noche, de mañana, de madrugada.**

Cat. — **de matí (de manhã), de nit, de nits (de noite)**

Aqui também se devem considerar aquêles casos onde o **de** designa o tempo em que algo se deu:

Port.: **A matança de São Bartolomeu**

Esp.: **La matanza de San Bartolomé.**

Cat.: **La matança de Sant Bartomeu**

l) — **Complemento de causa** — Substitui o ablativo de causa.

Port. — **cair de cansado, tremer de frio, chorar de alegria.**

Esp. — **llorar de gozo, morir de medo, morir de hambre.**

Cat. — **morir de set, plorar de ràbia.**

Este emprêgo já aparece no latim medieval.

m) — **Complemento de modo.** — Enquanto o latim clássico usava **cum+ablativo**, o latim vulgar passou a usar também **de**, que aparece nas línguas românicas em grande número de locuções adverbiais de modo como:

Port. — **depressa, de boa vontade, de boa fé, de certo, de mansinho.**

Esp. — **de falso, de firme, de ligero, de recio, de vacío, de bruces.**

Cat. — **de bon grat, de cert, de tomballons, de puntetes (na ponta dos pés)**

Estas locuções, quando formadas por de+substantivo, são específicas da península ibérica. Ex. Port.: **de braço, de pé, de joelhos.**

Esp. — **de rodillas, de cabeza, de pié.**

Cat. — **de genollons, de dret, de pressa.**

Precedidas dos artigos **um, uma**, denotam a execução rápida de uma cousa como se vê port. — **De um salto, pôs-se na rua** ou esp. — **De un trago se bibió la tisana.**

n) — **Complemento de especificação.** — O latim vulgar substitui o ablativo pela preposição **de**. Assim:

Port. — **“Como são largos de língua os apertados de bolsa”** — Ceita, 248

“Os mais sutis de entendimento” — Vieira, Serm.

“Quem importa que o ministro seja limpo de respeitos?”
— id.

Esp. — ¡ **Cómo son largos de lengua los apretados de bolso!**

o) — **Instrumental** — É uma construção muito antiga que já vem dos períodos anteriores ao baixo latim — **pons de cadaveribus... factus** (Flor. 2,6,18)

Em baixo latim em é giro preferido para expressar o instrumento material com que se realiza algo. No latim medieval, embora raro, encontram-se: **“de oculos vidimus”** — Santa Maria, 4,22,927; **“terras que de manibus meis rumpi et fodi”** — S. Mil. 10,12,867; **“percuserunt uno homine de lancea”** — Celanova 11, 6, 1056 15.

Este uso tornou-se comum nas línguas românicas. Ex.

Port.: **ferido de faca, “Picam de esporas, largam rédeas logo”** — Cam. Lus. VI, 63.

(14) — Idem — *ibidem*, p. 89.

(15) Emílio M. Amador — *op. cit.*, p. 447.

Esp. — “ferir de la lança” — Cid 380; “de la su boca compeçó de fablar” id.: andar de sus piés.

Cat. — **netejar de brossa** (limpar com brocha)

p) — A preposição **de** ainda pode ter uma variedade grande de empregos, introduzindo adjuntos adverbiais e adnominais e indicando:

meio — Port. **Viver de experiência**

Esp. **Vivir de caridad**

Cat. — “los quals enriqueixen dels béns de llurs maritz”
— **traje** — Port. — **andar de bata, andar de roupão.**

Esp. — **andar de bata, de camisa.**

inferência — Port. **Do que acabamos de falar, conclui-se que**

Esp. — **De lo que hablamos, se deduce. . .**

Cat. — **D'aquests indicis podem inferir que ell és el culpable.**

conteúdo — Port. — **uma lata de azeite.**

Esp. — **un vaso de agua, un plato de asado.**

Cat. — **un got de vi (um copo de vinho); “Omplint la llàntia d’oli e el cor de suavitat” — Carner (enchendo a lamparina de óleo e o coração, de suavidade)**

quantidade — Port. — **uma esquadra de vinte navios.**

Esp. — **una flota de veinte embarcaciones.**

Cat. — **una munió de curiosos.**(uma multidão de curiosos)

preço — Port. **laranja de dez cruzeiros .**

Esp.: ¿ **Hay naranjas de cinco pesetas?**

Cat. — **La posta mínima és de cinc pessetes.**

4. — Emprêgo estilístico

A preposição em estudo pode ainda apresentar certas nuances por razões subjetivas. Nisto obedece ao espírito da língua, à sua deriva ou à maneira peculiar que cada um tem de sentir e usar os elementos lingüísticos postos à sua disposição.

Assim, mostra, além de recursos próprios do grupo ibérico (como é o caso) empregos específicos do português, do espanhol ou do catalão. Como nos interessamos pelo conjunto ibérico, comentaremos os seguintes:

a) — Uso afetivo tipo **o bom do homem, el buen del hombre, el ruc d'en Peire s'ho ha cregut** (o burro do Pedro acreditou nisso) já tratado.

b) — Uso pleonático para ressaltar os elementos ligados por ela como em **uma pouca d'água, pocos de bigodes, dar de bofetones**, também já comentado.

c) — Partícula de refôrço, marcando a intensidade com se vê em:

Port.: **“Que de majestade e de trituras não exprimes, ó venerável epônimo dos campos!”**: Afonso Arinos — Pelo Sertão.

Que de perda hei, amigos! De contente, começou a pular. (= de tão contente)

Esp. — **“ ! Oh, cuánto de fadiga/ Oh, cuánto de dolor está presente/Al que viste loriga!”** — Fr. Luís de León — La Profecía de Tajo. (15); **qué de gentes! qué de coches!**

Cat. — **Que de gran és aquesta casa! Que de taronges!** (que de laranjas!) 16.

Em português encontramos ainda o **de** como partícula de realce, em construções como **“Quando foi do seu último namô-**

(16) F. de B. Moll — *Gramática Histórica Catalana*. Madrid, 1952, p. 331, Anota que este uso é mais corrente no maiorquino.

ro” — Garrett — onde a preposição serve para frisar não o namôro mas as circunstâncias que o rodeiam. Êste tipo é considerado incorreto e gálico por Epifânio 17 mas Camilo escreveu -- “quando foi do terremoto” — Perfil do M. de Pombal.

Ainda como partícula de realce aparece a preposição **de** ligando um substantivo a um adjetivo. Isto quando se quer seleccionar um substantivo entre outros da mesma espécie. É comum na linguagem corrente.

Port. — **uma pera das grandes, uva das rosadas, onça das pintadas.**

Esp. — **una manzana de las grandes.**

Cat. — **una casa de las boniques, una poma de las madures** 18.

Para efeito estilístico esta preposição serve como processo metafórico — **voz de veludo, encanto de sereia, astúcia de rapôsa** (voz macia, semelhante ao veludo; fascinação parecida com a das sereias astúcia como a da rapôsa). Na linguagem poética, o poder sugestivo da preposição é realçado pela inversão dos termos, quando possível, com em — **o veludo de sua voz** — ou nesta passagem de Camilo Pessanha — “Passou o outono já, já torna o frio ./ **Outono do seu riso magoad**”. (= Como seu riso magoad me lembra a doce tristeza do outono!). Aliás, esta mesma força poética se encontra na substituição de outra preposição pela preposição **de**: — “**Dorme sôbre o meu seio/Sonhando de sonhar**”. — Fernando Pessoa (de=com) “**Naquela vida sem ar e sem altura que fôra a dêle, a cavar e a fumegar-se de pós da Abissínia, o sonho da filha representava um infinito horizonte de ventura e de perfeição**” — Miguel Torga. (A construção com **de** traduz o devaneio do homem).

(17) Epifânio da Silva Dias — *op. cit.*, p. 142.

(18) Rehlfis, in *Actas y Memorias del VII Congreso Internacional de Lingüística Románica*. Barcelona, 1955, t. II, p. 863, diz que é um fenómeno típico do gascão.

Ainda neste campo da fôrça poética e sugestiva da preposição **de**, Lapa 19 diz que em passagens como — **quinta das amendoeiras, fonte dos castanheiros** — a preposição não marca uma relação clara de posse mas é uma forma condensada de linguagem que procura traduzir uma longa perífrase — quinta que se caracteriza pelas suas grandes e belas amendoeiras. “O poder sugestivo da preposição está em acrescentar à designação de propriedade um alto poder evocativo de fôrça e beleza.”

Não há dúvida de que estas construções são expressivas (cf. “**Frei Genebro abençoou o velho, tomou o seu bordão, desceu a colina dos grandes carvalhos — Eça**) mas achamos que esta “condensação” se deve muito mais ao artigo do que à preposição como se pode ver comparando construções como **casa de muros altos e casa dos muros altos**.

O mesmo se dá em espanhol e catalão — **El caballero del verde gabán** (o cavalheiro do capote verde); **el cavaller de les armes blanques**.

Há outra variante estilística encontrável também em espanhol e é um matiz do possessivo. Consiste no uso do **de** depois de adjetivo atribuído a uma parte do indivíduo e em que o adjetivo concorda com o substantivo que designa o indivíduo, não com o que lhe serve de complemento. É uma espécie de atração do adjetivo pelo substantivo principal. Ex. **Homem de braços longos** > **Homem longo de braços** (longo qualifica braços mas concorda com homem. Não é o homem que é longo mas seus braços) —

“**Magro, de olhos azuis, carão moreno, Bem servido de pés, meão de altura/Triste de facha, o mesmo de figura, Nariz alto no meio e não pequeno**” — Bocage — Poesias. O mesmo acontece em pessoa curta de inteligência, feia de cara, comprida de língua Espanhol — “**alta de pechos y ademán brioso**” - Quinx. - Sonêto corto de alcances, largo de lengua, feo de cara.

Catalão — **un home curt de cames** (um homem curto de pernas), **lleig de cara**, (feito de cara), **ample d'espattles** (largo de ombros), **curt de vista**.

5. — Observações

a) — **Refôrço de outras preposições** — O latim clássico não era rico em combinações preposicionais. Exemplos como **insuper**, **desuper**, **incircum** são raros. Na fala vulgar, a partir da época imperial, estas combinações vão se tornando muito freqüentes. O latim vulgar serviu-se particularmente da preposição **de** para reforçar outras preposições ou advérbios (e desta aglutinação surgiram muitas preposições e advérbios românicos) — **de latus**, **de foris de foras**, **de ex**, **de ad ante**, **de retro**, **de sub**, **de in ante**, **de ex post** etc. Logo, temos:

de ex > port. arc. **des**, cat. **des**; port e esp. modernos **desde** < **de ex de** (?)

de trans > port. **detrás**, esp. **detrás**

de retrariu > cat. **derrer** (=detrás)

de in ante > port. **diante**, esp. **delante**

de ex post > port arc. **despois**, mod. **depois**; esp. **después**. Neste sentido o catalão antigo usava **després** (< **de pressu**) e hoje, dialetalmente, **demprés**. Foi substituído em parte pela forma espanhola **después**.

de intro > port. esp. **dentro**; cat. **dintre**.

Mesmo no período moderno das línguas românicas encontramos combinações de preposições, sendo uma delas o **de**, que estabelece a verdadeira relação sintática entre a palavra anterior e a expressão seguinte formada por preposição+substantivo, pronome ou advérbio. Ex.

Port. : **Tirou a caixa de sôbre a mesa. De per si. E populares — andar de a cavalo, andar de a pé.**

Esp. : **Extrajeron veinte cadáveres de entre los escombros. Cada cual de por sí. "Dos hombres de a caballo, dos de a pié". — Quixote I, 22. E populares — Vengo de en casa de Fulano. Se apartó de con ella.**

b) — **Equivalências do de** — Pode êle substituir várias preposições no uso moderno. Por isso é muito corrente. **Ex.**

de = desde — **Port. De São Paulo ao Rio. De abril a dezembro**

Esp. — De Madrid a Toledo. Napoleón llegó de teniente a emperador.

Cat. — Pujar de Sarrià a Vallvidrera. (Subir de...)

de = entre — **Port. Quem de nós? Alguns de vós?**

Esp. — Quién de vosotros? Cualquiera de los hermanos.

de = com — **Port.: Faço isto de coração.**

Esp.: “Amar a Diós de todo corazón es amarle de toda tu voluntad y deseo” Fr. Juan de los Angeles — Diálogos.

Cat. — “Tota la gent se meravellà de la bellesa e bones costumbres de la donzella” — Metge.

de = para — **Port. gorro de dormir, agulha de bordar.**

Esp. — gorro de dormir, caballo de batalha.

Cat. — Cavall de cotxe (cavalo de coche)

c) — Preposição de + infinito —

— Liga um infinito a um adjetivo dando à expressão um valor passivo. É comum na língua corrente.

Port. — exercício fácil de fazer, lição difícil de compreender.

Esp. — difícil de encontrar, imposible de conseguir,

Cat. — os dur de rosegar (osso duro de roer)

— Liga os verbos **haver e ter** a um infinito, significando realização obratória dêsse infinito:

Port. — hei de ir, temos de estudar.

Esp. — he de ir, tengo de entrar.

Cat. — “Nos en harem de tornar en nostra terra” — Muntaner;
Tinc de sortir (Tenho de sair) 20.

Se compararmos o uso clássico (especialmente séc. XVI e XVII) com o moderno verificamos que esta preposição tende a desaparecer com certos verbos mais infinito porque passou a ser sentida como desnecessária para estabelecer o nexó sintático. Ex.

Port. — depois dos verbos prometer, desejar, assentar, esperar, jurar, dever, ordenar, determinar, etc.

Uso clássico — “e eu te prometo de te servir como captivo enquanto viver” — F.M. Pinto — Peregrinação; “Deseja de comprar-vos pera genro” — Cam. Lus. I, 16; “...assentou de matar el rei Porsena”. — Frei Heitor Pinto — Diál.; “...esperava em Deus Nosso Senhor de ser freira” — Sousa — Hist. de S. Dom.; “...e jurou de lhe dar a liberdade” — Bernardes — N. Fl. — t. I. de” — Bernardes — N. Fl. — t. I.

Modernamente quando aparece a preposição com tais verbos, é por razões estilísticas especiais.

Alguns dêles ainda hoje têm construção vacilante como usar, pegar, gozar + substantivo. Outros substituem a preposição de por a — começar a, entrar a.

Em espanhol o mesmo se dá depois de verbos como ahorrar (economizar), concertar, determinar, resolver, proponer, prometer, ordenar, jurar, e certos verbos pronominais acidentais como servirse, indignarse, ofrecerse.

Para o catalão, encontramos os seguintes exemplos modernos onde ainda se usa a preposição antes do infinito.

Li han promès de fer-ho tot seguit (Prometeram-lhe fazer isto logo em seguida)

(20) Com o verbo *ter*, esp. *tener*, cat. *tenir*, é de uso popular, pois a língua culta prefere *que*: “tenho que sair”, “tengo que sair”, “tinc que sortir”.

Hem decidit d'anar-hi demà mateix (decidimos ir amanhã mesmo)

M'han ofert de venir a ajudar-nos.

Ja hem resolt de no escriure-li més (já resolvemos não escrever-lhe mais)

Vages de fer-ho aviat (Procure fazê-lo sair)

Els pregà d'assistir-hi (Pedi ajuda)

Há, porém, emprêgo moderno sem preposição 21.

d) — Do uso da preposição de + pronome pessoal formando uma expressão possessiva, deve-se dizer que apenas o pronome da 3.^a pessoa admite a construção. Não se diz o **livro de mim** ou de **ti** mas o **meu livro**, o **teu livro**. O mesmo vale para o espanhol e catalão. Temos, pois, o seguinte quadro:

Port. — dêle, dela, dêles, delas.

Esp. — de él, de ella, de ellos, de ellas.

Cat. — d'ell, d'ella, d'ells, d'elles.

São recursos que evitam anfibologia.

Segundo o testemunho de Moll (22), o catalão arcaico usou a preposição de + pronome pessoal de 1.^a pessoa. — “Lo ventre de mi” — Metge (de mi=meu)

e) — **Supressão do de** — Além da supressão referida na aposição, o **de** pode ser subentendido, por motivo de eufonia, quando liga um substantivo a um adjetivo composto com **de**.
Ex.

Port. — **vestido côr de rosa** (por vestido de côr de rosa)

Esp. — **vestido color de rosa**.

Cat. — **un vestit color de cel**.

(21) F. de B. Moll — *op. cit.*, p. 360.

(22) Idem — *ibidem*, p. 313.

6. — **Conclusão** — Examinamos trinta e seis empregos da proposição **de** na Ibéria. Outros podem existir mas são variantes ou nuances dos apresentados aqui. Dêstes trinta e seis, seis continuam o latim e aparecem nas três línguas ibéricas, isto é, português, espanhol e catalão. Nos outros trinta, inovações, verificamos que a Ibéria forma uma bloco uno com pequenas falhas (por exemplo, não encontramos em catalão o **de** para complemento de especificação, traje, **de=entre**, combinações com outras preposições). Mas é possível que tais empregos existam e não encontramos por escassez de material.

Quanto à informação de Moll sobre **de mi=meu**, podemos também considerá-la ibérica, pois o português popular a conhece e o mesmo vale para o espanhol (cf. Amador ²³ que ensina que não se diz **de mí** admitindo-lhe o uso errado).

Muitas destas inovações são panromânicas. Aqui, porém, só nos preocupamos com a unidade ibérica no emprêgo desta preposição. Uma pesquisa sobre o uso do **de** nas demais línguas românicas, mostraria, por oposição, o que é típico da Ibéria.

Principais obras consultadas:

1. — Alfred Ernout e François Thomas — *Syntaxe Latine*, Paris, 1953.
2. — Mariano Bassols de Climent — *Sintaxis Latina*, Madrid, 1956.
3. — Juan Bastardas Parera — *Particularidades Sintáticas del Latin Medieval*. Cartularios Españoles de los Siglos VIII al XI. Barcelona / Madrid, 1953.
4. — Theodoro Henrique Maurer Jr. — *Gramática do Latim Vulgar*. Rio de Janeiro, 1959.
5. — Wilhelm Meyer-Lübke — *Grammaire des Langues Romanes*, Paris, 1923.
6. — Emilio M. M. Amador — *Diccionario Gramatical*, Barcelona, 1954.
7. — Andrés Bello y Rufino Cuervo — *Gramática de a Lengua Castellana*, Buenos Aires, 1952.

(23) Emilio M. Amador — *op. cit.*, p. 272.

8. -- Mário Barreto -- **Novíssimos Estudos de Língua Portuguêsa**. São Paulo, 1914.
9. -- Idem -- **Estudos da Língua Portuguêsa**. Rio de Janeiro, 1903
10. -- Francisco da Silveira Bueno -- **Gramática Normativa da Língua Portuguêsa**, São Paulo, 1953.
11. -- Manuel Rodrigues Lapa -- **Estilística da Língua Portuguêsa**, 2.^a ed., Lisboa, s/d.
12. -- Pompeu Fabra -- **Diccionari General de la Llengua Catalana**, 3.^a ed. Barcelona, 1962.
13. -- F. de B. Moll -- **Gramática Histórica Catalana**. Madrid, 1952
14. -- Badia, Giera, Udina -- **Actas y Memorias del VII Congreso Internacional de Lingüística Românica**. Barcelona, 1955.
15. -- **Revista de Portugal**, série A: Língua Portuguêsa, n.º 55, vol. XI (maio de 1947).

FRANCISCO DA SILVA BORBA *

(*) Professor de Lingüística na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de